



O Desejo na Poesia de John Donne

*Pia Hylén*¹

INTERANIMATING SOULS

I am not done with John
and Donne is not done with me
for his Ecstasy
runs around with me
'til the mixture of things makes one

ALMAS INTERANIMADAS

Alma in-animada, a minha
Sozinha.
Com a do John e a do Donne,
Que também nada dá
Solitários ECSTASYS...
Até que o fogo cruzado nos anime
Na espera ... do gozo
Da falta
Até ao fim...

Pia Hylén

¹ Antena do Campo Freudiano.



No início do Seminário VI, *O Desejo e a sua Interpretação*, Lacan diz que o uso, a transmissão e a função da palavra «desejo» estão bem ilustrados na natureza da criação poética, ainda que não em todo o tipo de poesia.

Esta minha curta apresentação é uma observação mais ao perto da abordagem do desejo feita por John Donne (1572-1631).

*Não há nada, nem mesmo o feio e asqueroso, que o seu verso não diga,
nenhuma maneira, nem mesmo a mais rude,
que não adote para conseguir os seus fins quase impossíveis.*

Veronica Charter / Deborah Larson

Histórico

John Donne (1572-1631) é considerado um dos maiores poetas da língua inglesa. Ele nasceu no último período do reino de Elizabeth I (1533-1603), época em que a Grã-Bretanha se tornou protestante. Foi também um tempo de grande transformação das ideias. A visão do mundo evoluiu a partir de um estado concreto e autocentrado, expandiu-se e ficou enriquecida com os pontos de vista mais amplos e eloquentes tão característicos do Renascimento. A descoberta de que a Terra não era o centro do Mundo mas girava à volta do Sol ficou definitivamente estabelecida.

Os tempos foram tumultuosos e violentos. Elizabeth I era filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, a sua segunda mulher. Para que Henrique VIII se casasse com Ana Bolena, teve primeiro de libertar-se da Igreja Católica, visto que o Papa não consentia a anulação do seu primeiro casamento.

Três anos depois de se casar, em 1536, Ana Bolena foi acusada de adultério, incesto e bruxaria, e depois decapitada. Estas acusações parecem até ser falsas, mas deram cobertura suficiente a Henrique VIII para que emitisse a ordem de execução da rainha e



casasse com Jane Seymour.

Antes de Elizabete I reinar, o casamento de Henrique VIII com Ana Bolena foi temporariamente anulado e a filha declarada ilegítima.

Assim que foi eleita rainha, Elisabeth cortou os laços com a Igreja Católica, e tornou-se famosa por estabelecer a Igreja Protestante Inglesa. Ficou conhecida como a «Rainha virgem» e a «Rainha Guerreira».

Foi nesta época agitada que viveu John Donne.

O Petrarquesco

Os conteúdos da escrita na segunda metade do século XVII caracterizam-se por uma alusão extensiva aos mitos clássicos. Há uma renascença do teatro grego e romano, e a poesia pauta-se pelos ideais platónicos e o romance. Do ponto de vista do estilo, a regularidade da prosódia e do troqueu é aplicada para construir pentâmetros tradicionais muito precisos. A beleza melódica e convencional reina.

Este período, no qual a produção literária é de qualidade excepcional, foi chamado o «Ninho de Pássaros Cantantes». Muitos escritores célebres saíram deste ninho.

Entre os conceitos da poesia Elizabetana, o mais notável era o Petrarquesco. A poesia petrarquesca foi conhecida por estabelecer comparações cliché entre elementos como a rosa e o amor.

O poetas ficou confinado a um espaço mais pequeno do que aquele que Donne considerava apropriado. As metáforas tinham sido reduzidas a ponto de se tornarem muito banais e já dificilmente conseguiam formular verdadeiros sentimentos e novas significações.



Uma consequência é que a poesia se confinando à religião, limitando as rimas e o próprio uso do conceito Petrarquesco.

Este último, que durante a segunda metade do século XVI ajudou muitos poetas e escritores a criar, tornou-se de uma rigidez inaceitável para Donne. Ele explodiu então, quebrando as regras sempre que possível. Foi uma verdadeira revolução poética, como acontece por vezes na história. Quando há um apertar dos sistemas políticos, sociais e literários, uma forte reação faz-se sentir. Como no teorema de Gödel, as regras que governavam quebram-se e outras começam a formar-se.

Mesmo se manteve certos lugares comuns, John Donne desafiou sobretudo o verso para falar do desejo e da sexualidade.

Um exemplo mais atual é o do poeta americano Allen Ginsberg, que também se sentiu reprimido pela sua sociedade. Em 1957, foi levado a julgamento por «obscenidade», por retratar sexo heterossexual e homossexual. Ginsberg ganhou o processo porque o juiz proclamou que reduzir o vocabulário de alguém a um «insípido e inócuo eufemismo não deveria ser imposto pela lei.»

No filme *Kill Your Darlings*, Daniel Radcliffe representa Allen Ginsberg. É um retrato de Ginsberg a demolir as paredes do regime literário, como Donne o fez duzentos e cinquenta anos antes, abrindo espaço para o acesso individualizado ao desejo.

A Poesia Metafísica

Donne é o mais avançado dos poetas metafísicos. Uma das suas características é o uso de metáforas radicalmente diferentes das dos seus contemporâneos. Para começar, servem-se de imagens de vivências trazidas facilmente à mente através de um forte posicionamento visual. Em segundo lugar, puxam por ideias que, em circunstâncias



normais, não seriam pensadas, nem sequer remotamente relacionadas. Estas juntam-se agora pela criação de um laço, aparentemente inapropriado em circunstâncias habituais, entre sujeito e objeto.

Este artifício cria uma invulgar situação de contexto, unindo coisas que parecem não ter qualquer ligação entre si e fazendo com que o leitor reaja.

Um exemplo. No poema *The Flea (A Pulga)*, a palavra «pulga», tão estanha às coisas do amor, permite a Donne unir os amantes. A transcendente nobreza que o poeta concede à pulga consiste na possibilidade que ela dá de misturar os sangues dos corpos e unir as duas almas.

A originalidade da metáfora dá aqui força ao amor, mesmo se o desejo se esgueira metonimicamente.

O Êxtase na filosofia amorosa de Donne

John Donne é conhecido pela sua poesia erótica, mas também pela sua devoção religiosa. O que pode ter juntado estes dois elementos – sexo e assuntos celestiais - no poeta?

Uma forma de responder a essa questão é dizer que não foi nem o sexo, nem a divindade que inspiraram a poesia de Donne, mas o seu sintoma, em particular o seu saber-fazer com o Êxtase.

O que é o Êxtase? No poema de Donne com o mesmo nome, o Êxtase não provém de um impulso natural, mas é apresentado como o resultado da luta pela união dos corpos, das almas e das inteligências.

A Filosofia do Amor de Donne não difere muito do mito descrito por Aristófanes no



Banquete de Platão. A diferença reside no estilo. É este que torna possível transcender, no Êxtase, o que é primeiramente percebido como sombria solidão.

Desejo

O poema *Êxtase* diz claramente que o desejo não é unicamente sexual.

Sem dúvida que o homem deseja uma mulher, e vice-versa, mas, no poema, a mulher é sobretudo uma ocasião para Donne se lançar nas longas e árduas charadas do amor e da paixão. Lê-se, assim, que o desejo não é imediatamente carnal. A batalha que trava é espiritual. Mas, no final, algo escapa ao vencedor e ao vencido.

A sexualidade humana para Donne não é propriamente física, mas metafísica. É entrada para uma elevada residência mental, onde os amantes vão partilhar o espaço por algum tempo. Como nem a residência material, nem a espiritual duram – é uma visita momentânea –, outra paragem se segue. É como as ondas do mar: quando uma volta, a outra vai.

Como é que Donne procede? Joseph Brodsky diz que não mede «o número de sílabas mas o tempo. É exatamente isso que Donne faz no seu verso. Contendo-se por um instante, parando (...) diante de algo que parece maravilhoso ao poeta por uma ou outra razão. Ou, ao contrário, temos a desigualdade, saltos e pés soltos, métrica cortada, precipitação febril – como se quisesse precipitar ou eliminar o instante que parece terrível...».

Por sua vez, Veronica Chater afirma que Donne está demasiado perto daquilo que o move mas não consegue controlar. Fazendo uma espécie de análise psicológica, ela afirma que Donne «retrata a agonia de um homem que perdeu o contacto físico, apreciado no passado, da sua amante e, em vez de se tornar humilde, utiliza um comportamento passivo-agressivo manipulativo. Sentimos que o poeta conhece a



sensação do toque da amante e anseia senti-lo outra vez. E não suavemente. Está tão desesperado por readquirir a sensação que espera que o toque seja violento e masculino, mesmo doloroso. Ele quer o toque para o convencer sem sombra de dúvida que está em contacto com a sua amada: que está sob o poder e coerção de Deus ao ponto de ser sadicamente vitimizado, maltratado e perseguido até a um ponto de abuso físico. Ele implora pelo regresso de algo que já teve. Mas como é que perdeu a coisa que mais amava?

Retenhamos aqui a ideia que a perfeição ideal do amor combina com uma perda que não é só atual, mas estrutural.

Lacan

É Lacan que introduz o termo «desejo» na psicanálise. Ele não existe nos pós-freudianos, nem mesmo em Freud. Antes de Freud falar do *Wunsch* no sonho, que é o voto verbalizado, foram sobretudo os filósofos e os poetas que melhor evocaram o desejo. Na filosofia, Lacan destaca Espinosa e Hegel. E, na poesia, os poetas metafísicos, cujo mais alto expoente foi John Donne.

Lacan opõe a poesia metafísica de Donne à figurativa. Na sua descrição do prazer, esta última apela de imediato aos sentidos, enquanto a primeira aposta na linguagem, numa nova forma poética.

A poesia metafísica não elimina o corpo, regressa a ele partindo da linguagem, e passando pela alma e a inteligência. O novo não é o conceito de amor, que fica ainda preso na esfera platónica, mas o modo de o dizer. Noutros termos, enquanto a poesia descritiva se situa na relação dual com o objeto, a poesia metafísica investe na relação fundamental do sujeito com o simbólico, com o significante.

Ecstasy é um poema da segunda época de Donne. Ele tem uma estrutura clássica de



quatro quadras (*stances*) e rimas (abab/cdcd). É neste quadro tradicional que Donne introduz o conflito entre o corpo, a alma e a inteligência, mas para o resolver, o ultrapassar graças à instância metafísica.

Como Lacan explica no Seminário VI, o desejo é fruto da passagem do que é suposto ser natural no indivíduo da espécie (instinto, necessidade, tendência, etc) pela estrutura da linguagem. Mas nem tudo o que resta é linguagem; algo escapa à alienação ao significante, que Freud chama o «objeto perdido», perda a que Lacan atribui um carácter metonímico.

Donne tenta apanhar o que assim foge com a rede significante dos seus poemas. O objeto ideal devém então a Mulher.

A esperança do amor é a da reunião com a Mulher perdida. O processo metafórico de substituição de um significante por outro tenta a elevação que daria acesso ao objeto idealizado. Mas a terrível metonímia repete-se, fazendo que este deslize com as novas significações criadas pelas metáforas.

O deslocamento metonímico é um processo ativo. Ele permite a Donne continuar a escrever prolificamente durante a sua vida. Esta inspiração mantém o desejo, mas também a fantasia de uma maior proximidade do objeto que o causa.

Como não é possível apropriar-se do referido objeto, que está perdido por estrutura, Donne continua a sua luta metafísica. Deste desbravamento do caminho poético, sabemos hoje, saímos todos enriquecidos.

BIBLIOGRAFIA

BAILLY. John. (1920). Quarterly Review. April.



BRODSKY. Joseph. (2013). On Donne, 'The Poet Is Engaged In The Translation Of One Thing Into Another'. Radio Free Europe, December 14
http://www.rferl.org/content/Brodsky_on_Donne_The_Poet_Is_Engaged_In_The_Translation_Of_One_Thing_Into_Another/2051105.html

CHATER. Veronica (2004). John Donne: Bulimic Bore? Absinthe Literary Review, Winter.

ELIOT. Eliot. (1921). The Metaphysical Poets, Times Literary Supplement, 20 October.

FLINKER. Noam. John Donne and the 'Anthropomorphic Map' Tradition, Applied Semiotics 3 : 8 (1999) 207-215
<http://french.chass.utoronto.ca/as-sa/ASSA-No8/Vol3.No8.Flinker.pdf>

HAVEN. Cynthia. (2013). Brodsky and Donne in the Artic: 'The image of a body in space'. The Book Haven, Stanford University, January 15, 2013
<http://bookhaven.stanford.edu/2013/01/john-donne-in-the-arctic-the-image-of-a-body-in-space/>

LACAN. J (1966). *Écrits*, Seuil, Paris.

LACAN, Jacques. (2013). *Le Séminaire livre VI, Le désir et son interprétation*. Éditions de la Martinière, Le Champ Freudien, Paris.

MILLER. J-A (2013). Une réflexion sur l'Oedipe et son au-delà. Congrès de la NLS, Athènes, 19 mai. http://patwart.files.wordpress.com/2013/09/jam_pipol_6.pdf

MILLER. J-A (2013). L'Autre sans Autre. Congrès de la NLS, Athènes, 19 mai. http://amp-nls.org/downloads/JAM_Athenes2013.pdf

PAGLIA. Camille (2006). *Break, Blow, Burn*. Vintage.

PAGLIA. Camille (1991). *Sexual Personae*. Vintage.

RAHIMI. Sadeq. (2012). Subjectivity at the Intersection of Metaphor and Metonymic Functions, Somatosphere, December 16
<http://somatosphere.net/author/sadeq-rahimi>

RAHIMI. Sadeq. (2009). The Unconscious: Metaphor and Metonymy. Somatosphere, April 29
<http://somatosphere.net/2009/04/unconscious-metaphor-and-metonymy.html>



The Ecstasy/O Êxtase

John Donne

Where, like a pillow on a bed
A pregnant bank swell'd up to rest
The violet's reclining head,
Sat we two, one another's best.

Our hands were firmly cemented
With a fast balm, which thence did spring;
Our eye-beams twisted, and did thread
Our eyes upon one double string;

So to 'intergraft our hands, as yet
Was all the means to make us one,
And pictures in our eyes to get
Was all our propagation.

As 'twixt two equal armies fate
Suspends uncertain victory,
Our souls (which to advance their state
Were gone out) hung 'twixt her and me.

And whilst our souls negotiate there,
We like sepulchral statues lay;
All day, the same our postures were,
And we said nothing, all the day.

If any, so by love refin'd
That he soul's language understood,
And by good love were grown all mind,
Within convenient distance stood,

He (though he knew not which soul spake,
Because both meant, both spake the same)
Might thence a new concoction take
And part far purer than he came.



This ecstasy doth unperplex,
We said, and tell us what we love;
We see by this it was not sex,
We see we saw not what did move;

But as all several souls contain
Mixture of things, they know not what,
Love these mix'd souls doth mix again
And makes both one, each this and that.

A single violet transplant,
The strength, the colour, and the size,
(All which before was poor and scant)
Redoubles still, and multiplies.

When love with one another so
Interinanimates two souls,
That abler soul, which thence doth flow,
Defects of loneliness controls.

We then, who are this new soul, know
Of what we are compos'd and made,
For th' atomies of which we grow
Are souls. whom no change can invade.

But oh alas, so long, so far,
Our bodies why do we forbear?
They're ours, though they're not we; we are
The intelligences, they the spheres.

We owe them thanks, because they thus
Did us, to us, at first convey,
Yielded their senses' force to us,
Nor are dross to us, but allay.

On man heaven's influence works not so,
But that it first imprints the air;
So soul into the soul may flow,
Though it to body first repair.

As our blood labors to beget
Spirits, as like souls as it can,
Because such fingers need to knit
That subtle knot which makes us man,



So must pure lovers' souls descend
T' affections, and to faculties,
Which sense may reach and apprehend,
Else a great prince in prison lies.

To'our bodies turn we then, that so
Weak men on love reveal'd may look;
Love's mysteries in souls do grow,
But yet the body is his book.

And if some lover, such as we,
Have heard this dialogue of one,
Let him still mark us, he shall see
Small change, when we're to bodies gone.

Tradução de Augusto de Campos:

Onde, qual almofada sobre o leito,
A areia grávida inchou para apoiar
A inclinada cabeça da violeta,
Nós nos sentamos, olhar contra olhar.

Nossas mãos duramente cimentadas
No firme bálsamo que delas vem,
Nossas vistas trançadas e tecendo
Os olhos em um duplo filamento;

Enxertar mão em mão é até agora
Nossa única forma de atadura
E modelar nos olhos as figuras
A nossa única propagação.

Como entre dois exércitos iguais,
Na incerteza, o Acaso se suspende,
Nossas almas (dos corpos apartadas
Por antecipação) entre ambos pendem.

E enquanto alma com alma negocia,
Estátuas sepulcrais ali quedamos
Todo o dia na mesma posição,
Sem mínima palavra, todo o dia.



Se alguém - pelo amor tão refinado
Que entendesse das almas a linguagem,
E por virtude desse amor tornado
Só pensamento - a elas se chegasse,

Pudera (sem saber que alma falava
Pois ambas eram uma só palavra),
Nova sublimação tomar do instante
E retornar mais puro do que antes.

Nosso Êxtase - dizemos - nos dá nexo
E nos mostra do amor o objetivo,
Vemos agora que não foi o sexo,
Vemos que não soubemos o motivo.

Mas que assim como as almas são misturas
Ignoradas, o amor reamalgama
A misturada alma de quem ama,
Compondo duas numa e uma em duas.

Transplanta a violeta solitária:
A força, a cor, a forma, tudo o que era
Até aqui degenerado e raro
Ora se multiplica e regenera.

Pois quando o amor assim uma na outra
Interanimou duas almas,
A alma melhor que dessas duas brota
A magra solidão derrota,

E nós que somos essa alma jovem,
Nossa composição já conhecemos
Por isto: os átomos de que nascemos
São almas que não mais se movem.

Mas que distância e distração as nossas!
Aos corpos não convém fazermos guerra:
Não sendo nós, não convém fazermos guerra:
Inteligências, eles as esferas.

Ao contrário, devemos ser-lhes gratas
Por nos (a nós) haverem atraído,
Emprestando-nos forças e sentidos.
Escória, não, mas liga que nos ata.



A influência dos céus em nós atua
Só depois de se ter impresso no ar.
Também é lei de amor que alma não flua
Em alma sem os corpos transpassar.

Como o sangue trabalha para dar
Espíritos, que às almas são conformes,
Pois tais dedos carecem de apertar
Esse invisível nó que nos faz homens,

Assim as almas dos amantes devem
Descer às afeições e às faculdades
Que os sentidos atingem e percebem
Senão um Príncipe jaz aprisionado

Aos corpos finalmente retornemos
Descortinando o amor a toda a gente;
Os mistérios do amor, a alma os sente,
Porém o corpo é as páginas que lemos.

Se alguém – amante como nós - tiver
Esse diálogo a um ouvido a ambos
Que observe ainda e não verá qualquer
Mudança quando aos corpos nos mudamos.

The Ecstasy/O Êxtase

John Donne

Where, like a pillow on a bed
A pregnant bank swell'd up to rest
The violet's reclining head,
Sat we two, one another's best.

Our hands were firmly cemented
With a fast balm, which thence did spring;



Our eye-beams twisted, and did thread
Our eyes upon one double string;

So to'intergraft our hands, as yet
Was all the means to make us one,
And pictures in our eyes to get
Was all our propagation.

As 'twixt two equal armies fate
Suspends uncertain victory,
Our souls (which to advance their state
Were gone out) hung 'twixt her and me.

And whilst our souls negotiate there,
We like sepulchral statues lay;
All day, the same our postures were,
And we said nothing, all the day.

If any, so by love refin'd
That he soul's language understood,
And by good love were grown all mind,
Within convenient distance stood,

He (though he knew not which soul spake,
Because both meant, both spake the same)
Might thence a new concoction take
And part far purer than he came.

This ecstasy doth unperplex,
We said, and tell us what we love;
We see by this it was not sex,
We see we saw not what did move;

But as all several souls contain
Mixture of things, they know not what,
Love these mix'd souls doth mix again
And makes both one, each this and that.

A single violet transplant,
The strength, the colour, and the size,
(All which before was poor and scant)
Redoubles still, and multiplies.

When love with one another so



Interinanimates two souls,
That abler soul, which thence doth flow,
Defects of loneliness controls.

We then, who are this new soul, know
Of what we are compos'd and made,
For th' atomies of which we grow
Are souls. whom no change can invade.

But oh alas, so long, so far,
Our bodies why do we forbear?
They're ours, though they're not we; we are
The intelligences, they the spheres.

We owe them thanks, because they thus
Did us, to us, at first convey,
Yielded their senses' force to us,
Nor are dross to us, but allay.

On man heaven's influence works not so,
But that it first imprints the air;
So soul into the soul may flow,
Though it to body first repair.

As our blood labors to beget
Spirits, as like souls as it can,
Because such fingers need to knit
That subtle knot which makes us man,

So must pure lovers' souls descend
T' affections, and to faculties,
Which sense may reach and apprehend,
Else a great prince in prison lies.

To'our bodies turn we then, that so
Weak men on love reveal'd may look;
Love's mysteries in souls do grow,
But yet the body is his book.

And if some lover, such as we,
Have heard this dialogue of one,
Let him still mark us, he shall see
Small change, when we're to bodies gone.



Onde, qual almofada sobre o leito,
A areia grávida inchou para apoiar
A inclinada cabeça da violeta,
Nós nos sentamos, olhar contra olhar.

Nossas mãos duramente cimentadas
No firme bálsamo que delas vem,
Nossas vistas trançadas e tecendo
Os olhos em um duplo filamento;

Enxertar mão em mão é até agora
Nossa única forma de atadura
E modelar nos olhos as figuras
A nossa única propagação.

Como entre dois exércitos iguais,
Na incerteza, o Acaso se suspende,
Nossas almas (dos corpos apartadas
Por antecipação) entre ambos pendem.

E enquanto alma com alma negocia,
Estátuas sepulcrais ali quedamos
Todo o dia na mesma posição,
Sem mínima palavra, todo o dia.

Se alguém - pelo amor tão refinado
Que entendesse das almas a linguagem,
E por virtude desse amor tornado
Só pensamento - a elas se chegasse,

Pudera (sem saber que alma falava
Pois ambas eram uma só palavra),
Nova sublimação tomar do instante
E retornar mais puro do que antes.

Nosso Êxtase - dizemos - nos dá nexo
E nos mostra do amor o objetivo,
Vemos agora que não foi o sexo,
Vemos que não soubemos o motivo.

Mas que assim como as almas são misturas



Ignoradas, o amor reamalgama
A misturada alma de quem ama,
Compondo duas numa e uma em duas.

Transplanta a violeta solitária:
A força, a cor, a forma, tudo o que era
Até aqui degenerado e raro
Ora se multiplica e regenera.

Pois quando o amor assim uma na outra
Interanimou duas almas,
A alma melhor que dessas duas brota
A magra solidão derrota,

E nós que somos essa alma jovem,
Nossa composição já conhecemos
Por isto: os átomos de que nascemos
São almas que não mais se movem.

Mas que distância e distração as nossas!
Aos corpos não convém fazermos guerra:
Não sendo nós, não convém fazermos guerra:
Inteligências, eles as esferas.

Ao contrário, devemos ser-lhes gratas
Por nos (a nós) haverem atraído,
Emprestando-nos forças e sentidos.
Escória, não, mas liga que nos ata.

A influência dos céus em nós atua
Só depois de se ter impresso no ar.
Também é lei de amor que alma não flua
Em alma sem os corpos transpassar.

Como o sangue trabalha para dar
Espíritos, que às almas são conformes,
Pois tais dedos carecem de apertar
Esse invisível nó que nos faz homens,

Assim as almas dos amantes devem
Descer às afeições e às faculdades
Que os sentidos atingem e percebem
Senão um Príncipe jaz aprisionado



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Ano X, v.10, nº19/20, 2014

pp. 15-33

Aos corpos finalmente retornemos
Descortinando o amor a toda a gente;
Os mistérios do amor, a alma os sente,
Porém o corpo é as páginas que lemos.

Se alguém – amante como nós - tiver
Esse diálogo a um ouvido a ambos
Que observe ainda e não verá qualquer
Mudança quando aos corpos nos mudamos.